

Dossiê Literatura & Gênero II

A mudança de paradigmas nos estudos da Literatura oferece um conjunto de abordagens diversas e, muitas vezes, divergentes. A pesquisa, a análise e a interpretação propiciadas pelos Estudos de Gênero aplicam-se aos textos literários, mantenedores de uma forte ligação com as existências até então rechaçadas e recusadas no horizonte real de possibilidades. Como afirmou a escritora Conceição Evaristo em *live* recente (julho de 2020), a Literatura é a oportunidade da vida, de vivências inscritas com o corpo e com as memórias. Embora, por vezes, individuais, as reminiscências sempre reverberam a comunidade, tornando-a presente e significativa. Outras são coletivas, circunscritas no espaço da hegemonia e da tradição, desenhadas em mosaicos coloridos, alterando, à vista disso, nossas concepções.

Deliberadamente articulada enquanto rede de colaboração, cujo objetivo é evidenciar as múltiplas possibilidades dos Estudos de Gênero na Literatura, a segunda parte do nosso dossiê traduz e comunica afetos, desencadeados pelos textos que o compõem.

O primeiro artigo, “Notas sobre o abolicionismo racista de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo”, trata-se de mais uma produção ensaística da escritora, doutora, travesti contemporânea Amara Moira, autora de *Se eu fosse puta* (2016). Neste artigo, Moira não só apresenta e discute uma estratégia de leitura, mas também se debruça em passagens do romance para estabelecer uma crítica sobre o narrador e as contradições em torno da “denúncia do regime escravocrata” supostamente enunciado pela obra a partir do que se poderia chamar de “abolicionismo racista”.

“Redes de solidariedade e interseccionalidades na literatura e gênero” é um texto/projeto em rede – portanto, criado conjuntamente –, fruto de estudos e experiências do Grupo de Pesquisa Gênero e Raça. O texto, assinado por Davi Silistino de Souza, Cláudia Maria Ceneviva Nigro, Fernando Luís de Moraes, Flávia Andrea Rodrigues Benfatti, Leandro Passos e Luiz Henrique Soares, tem como objetivo analisar a relevância/influência das diferentes conformações de rede de solidariedade e de interseccionalidade para a abordagem feminista nacional e para os Estudos de Gênero contemporâneos. Nossa ênfase crítica firma-se na abertura para a união e o estabelecimento de ajuda mútua com outras “minorias” (LGBTQI+, mulheres e homens de etnias diversas, entre outras) respaldadas pelos Estudos de Gênero. Expande-se, assim, a concepção de redes de solidariedade, a fim de rever as heterarquias coloniais, por meio das quais as ideologias racistas, machistas, trans/homofóbicas, segregacionistas, por exemplo, são continuamente perpetuadas.

No artigo “Masculinidades *fin de siècle*: a patologia do homem e da nação em *O barão de Lavos*, de Abel Botelho”, os pesquisadores Edson Salviano Nery Pereira e Mário César Lugarinho realizam uma revisão da crítica e da recepção do romance naturalista português *O barão de Lavos*, de Abel Botelho, observando sua repercussão tanto em Portugal quanto no Brasil, no fim do século XIX, tendo em vista a regeneração da identidade nacional e das masculinidades.

Flávio Adriano Nantes, em “A fuga como resistência e busca por novos horizontes em ‘Onde acaba o mapa’, de Carol Rodrigues”, faz uma leitura de um dos contos de Carol

Rodrigues, presente no livro *Sem vista para o mar*, ganhador do Prêmio Jabuti em 2015. Em “Onde acaba o mapa”, analisa a prática dos afetos homossexuais por parte da personagem central, o “menino jurado”. Nantes propõe pensar o conto de Rodrigues por meio da metáfora do armário e refletir sobre onde estão ancoradas as justificativas sociais que expliquem as reações e a (não) existência de territórios específicos para a prática da LGBTfobia.

No artigo “Performativo e subversão em *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll” Maria Cláudia Rodrigues Alves e Marcus Vinicius Camargo e Souza demonstram, na obra daquele autor, as subversões provenientes dos atos do narrador quanto ao discurso hegemônico sobre o gênero sexual. Para tanto, lançam mão da relação do performativo com a linguagem literária enquanto um discurso parasitário, citacional e iterativo e, por consequência, capaz de instalar a transgressão das ideias no centro da discursividade, subvertendo tanto a concepção de gênero sexual quanto o próprio conceito de linguagem literária.

Em “Um teto todo nosso: visibilidade, resistência e subjetivação em clubes de leitura”, Michelle Silva Borges percebe a Literatura e o livro como um legado consciente ou inconsciente das palavras mudas, sobre o qual se expõe uma ordem do discurso. Fundamentada em Le Goff (1990), propõe a necessidade de demolir a construção e analisar as condições sob as quais se produzem os documentos-monumentos. Nesse intuito, focaliza o consenso, atravessado por relações de poder, da predominância nos processos literários, que se estende desde a autoria da escrita à escolha de quem lê nos clubes de leituras, criados com o propósito de privilegiar, de forma exclusiva, a escrita de mulheres e suas práticas de protesto na Literatura.

Regiane Corrêa de Oliveira Ramos, em texto redigido originalmente em inglês, publicado pela Bloomsbury, e traduzido por Davi Silistino de Souza, encerra o dossiê. Seu texto “Tornando visíveis as experiências trans por meio de traduções”, traça um histórico de como os estudos transgêneros, a partir da teoria e da prática da tradução, começaram a ganhar visibilidade por meio de publicações literárias e acadêmicas no contexto indiano. Enfoca-se, neste trabalho, o protagonismo empreendido por pessoas trans no exercício da tradução de diversas obras – em especial, as autobiografias das hjiras – para o inglês e outros idiomas indianos. Nessa lógica, a tradução opera como plataforma não só para a participação fundamental de tradutoras trans, mas também para a amplificação de narrativas e histórias protagonizadas por hjiras e indivíduos trans.

Esperamos que gostem! Desejamos a **todxs** uma boa leitura!

Cláudia Nigro
Davi Silistino de Souza
Fernando Luís de Moraes